
Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora¹

Renata Cardoso de Almeida²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul

Resumo

A ciência e a comunicação afetam e são afetadas pela realidade ao mesmo tempo que necessitam de uma ruptura com o senso comum. Importante dizer: o senso comum raso e não reflexivo, ao contrário dos saberes milenares que foram construídos com muita engenharia mental por diversos povos. Não podemos também deixar de refletir a ciência como uma instituição de poder (um discurso legitimado que está dentro da sociedade, faz parte dela), e a comunicação como um campo no qual confluem vários saberes, vivência e teorias. Neste artigo debato alguns pontos que considero pertinentes para uma discussão epistemológica do fazer científico em comunicação, tendo como proposta a transmetodologia como uma possível identidade científica.

Palavras-chave

Transmetodologia; Comunicação; Epistemologia

Corpo do trabalho

Um dos aspectos da ciência é avançar, construir. Construir sobre as fundações já erguidas durante milhares de anos, por pensadores tidos como científicos ou não. É alterar o que precisa ser melhorado. É reconhecer que as teorias são tentativas provisórias para pensar as realidades, afinal, não há verdade absoluta. Em ciência, muitas vezes, os passos são dados em diferentes direções. Partamos do princípio de que o fazer científico/acadêmico é um artesanato intelectual (MILS, 1975) extremamente complexo, pois ao mesmo tempo que precisa avançar, utilizando os saberes já verificados e aceitos, pode se retificar, pode apontar novos caminho até então inexplorados.

Trata-se de um artesanato pois, quando sério e comprometido, não repete fórmulas, ou busca resultados exatos, algo impossível quando se fala em ciências humanas. É um artesanato pois envolve diferentes dimensões de um mesmo ser pensante, atento, influenciado por suas vivências e pelo mundo a sua volta. É um artesanato pois é único em seus mínimos detalhes. O que move o artesão é mais a satisfação do trabalho

¹Trabalho apresentado na DT 8 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Mestranda do curso de Mestrado em Comunicação Unisinos, e-mail: renatacardoso.alm@gmail.com

dentro do processo do que reconhecimento. É um trabalho fora do fordismo: os artesãos conhecem e refletem todo o processo de produção.

Ora, podem existir milhares de cestos de vime, por exemplo. Assim como podem existir inúmeros artigos ou trabalhos acadêmicos sobre a mesma temática. Mas a menos que sejam plágios, assim como os cestos, cada um terá suas próprias tramas, seus próprios fios, seus objetivos. Cada um terá sido feito com a pulsação das mãos de quem os criou, carregará inevitavelmente seus valores. Não é possível separar um trabalho artesanal da vida de seu criador, pois o trabalhador intelectual forma seu próprio eu à medida que aperfeiçoa seu ofício. É inevitável não usar sua experiência de vida no seu trabalho - o artesanato é o centro de si mesmo, e sabemos, a imparcialidade é um horizonte que pode ser perseguido, mas jamais alcançado. Ninguém pode se despir de seus valores para realizar qualquer tipo de trabalho.

Eis um dos desafios da ciência: ser humana, sem ser cega. Aproveitar as vivências pessoais, as conexões com o mundo vivido, sem perder o caráter reflexivo, a capacidade de duvidar, de discordar. Estar aberta a novas possibilidades de criar e rever conceitos. Experimentar novos caminhos é fundamental. Peirce, em seu texto “A fixação da crença” nos lembra que o labor científico deve ser feito de olhos abertos ao invés de ideias vagas. Em confluência com o autor, que nos diz “Deve existir uma dúvida real e viva, e sem ela toda a discussão é ociosa.” (1877, p.9) vejo a ciência como um estado de irritação constante. Constantemente nossas premissas são colocadas em cheque, são questionadas - e assim precisa ser para que a ciência esteja em movimento. Os cenários são mutáveis e diferentes argumentos podem surgir a qualquer momento.

As formulações de Bosi (2003, p.115), convergem com as de Pierce neste aspecto:

Quando entramos em um ambiente novo, de estimulação completa, passamos por instantes de atordoamento. Tudo é uma mancha confusa que hostiliza os sentidos. Aos poucos as coisas se destacam desse borrão e começam a nos entregar seu significado, à medida da nossa atenção. É o trabalho perceptivo, que colhe as determinações do real, as quais se tornam estáveis para o nosso reconhecimento, durante algum tempo.

Existe um campo de ideias com as quais estamos habituados, porque assim fomos educados (inclusive academicamente falando), que ocupam um papel no modo como percebemos e interpretamos os diferentes fatos, as diferentes pessoas. Segundo Morin

(1986), reconhecemos por analogia, de acordo com os nossos padrões e modelos (os estereótipos tão bem trabalhados por Bosi (2003)). Assim o é teoricamente, quando, com a ideia fixa em uma corrente ou teoria, entendemos as “outras” pelo seu molde, em comparação com seus aspectos, entendendo que só a que nos é mais familiar é válida. A ciência precisa de desestabilizações para avançar e isso pede, inevitavelmente, desconfiança a respeito dos saberes que consideramos mais canônicos. É preciso avançar respeitando o passado e até duvidando dele. Semelhante processo acontece quando vamos ao campo, em uma pesquisa empírica. Muitas vezes inconscientemente enquadrados os cidadãos e cidadãs coprodutores e coprodutoras do processo de conhecimento de acordo com as nossas molduras, o que impede de perceber suas singularidades, belezas e dificuldades.

Admitir que não há um conhecimento único e total, e que as teorias e os fatos podem ser explicados por diversos vieses exige, além de humildade, um arcabouço teórico que nos permita perceber, ainda que de maneira inicial, que existem múltiplas camadas de um mesmo fato/objeto de referência. A realidade vivida é repleta de racionalidades e há muita riqueza fora dos muros de conhecimento criado em um sistema burocrático e distante, que dá vida a uma casta de “intelectuais”, se assim os podemos chamar, criando desigualdades entre os detentores do conhecimento e os menos abastados academicamente. Não se trata de fazer uma ode ao senso comum, mas sim de reconhecer nas diversas sociedades os pensamentos ancestrais, milenares, que demonstram uma inteligência ímpar aplicada à resolução de problemas cotidianos, ou mesmo na formação de mitos para explicar o mundo e os modos de vida, como nos traz Morin (1986, p. 150):

Mas os mitos não falam só da cosmogênese, não falam da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que concerne a identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam-na lendária e, mais geralmente, tendem a desdobrar tudo o que acontece no nosso mundo era e no nosso mundo imaginário para os ligar e os projetar juntos no mudo mitológico.

A função do cientista, então, é conseguir seguir as pistas mais coerentes dentro da trama complexa de conceitos que envolvem os aspectos subjetivos do pesquisador, as teorias, as ações e os objetos de referência. Não é um trabalho fácil. Somos seres humanos carregados de estereótipos e preconceitos dados como verdades. Muitas vezes é difícil duvidar das ideias que já se acomodaram de maneira tão confortável em nosso

inconsciente. Isso é desestabilizador. Mas é no movimento que avançamos. Movimento, claro, teorizado, situado, problematizado e em conexão com as realidades. É preciso ir contra a socialização acrítica de normas e valores, pois ela produz o medo do conhecimento. “Quando delegamos para a autoridade o ato de pensar, essa delegação faz odiar os que pensam por si.” (BOSI, 2002, p. 118). A questão também é abordada por Bachelard (2001, p.114):

Por que razão, aliás se há de procurar uma outra verdade quando se tem a verdade do cogito? Porquê conhecer imperfeitamente, indirectamente, quando se tem a possibilidade de um conhecimento primitivamente perfeito? Os princípios lógicos obtidos por redução do diverso, bem como o argumento lógico que assegura a verdade do cogito, eis um núcleo indestrutível, cuja solidez é reconhecida por qualquer filósofo.

A ciência, tida como a organização sistemática dos conhecimentos, é uma forma de educação e está em profunda articulação com as realidades. Teoria e empiria podem ser regidas por diferentes interesses, mas não “servem” a objetivos distintos. A separação das duas dimensões, o afastamento da academia dos lares, favelas, cortiços, bares e locais de trabalho serve apenas para elitizar o conhecimento. Assemelha-se, assim, as relações de trabalho mais formais, gerando desigualdades e tensões. É preciso estar vigilante (termo usado aqui na perspectiva Bachelardiana), com as relações de poder dentro da ciência e entre os pensadores de distintos ambientes.

É preciso que estejamos atentos também à economia e à política que envolvem as relações sociais e também científicas dentro das nações e entre elas. Investimentos de uma pátria rica em países pobres não quer necessariamente dizer que está acontecendo uma transferência de renda ou de conhecimento, pois os primeiros continuam a “possuir os segundos”, como em uma relação colonial. Galeano (1987) expõe de maneira formidável como as relações coloniais foram prejudiciais ao desenvolvimento da América Latina:

O saqueio, interno e externo [da América Latina], foi o meio mais importante para a acumulação primitiva de capitais que, desde a Idade Média, possibilitou o surgimento de uma nova etapa histórica na evolução econômica mundial. À medida que se estendia a economia monetária, o intercâmbio desigual ia abarcando cada vez mais segmentos sociais e regiões do planeta. [...] Mas, ao mesmo tempo, a formidável concentração internacional de riqueza em benefício da Europa impediu, nas regiões saqueadas, o salto para a acumulação de capital industrial. (GALEANO, 1987, p. 40, grifo do autor).

Em um cenário de colonização não há equalização do desenvolvimento, pelo contrário: há exploração e subordinação. Thomas Piketty, em sua obra “O Capital no século XXI”, consegue explicar de modo consistente e claro a razão das desigualdades econômicas mundiais, que acarretam também disparidades sociais, educacionais, tecnológicas e científicas.

Em segundo lugar, do ponto de vista histórico, o mecanismo da mobilidade de capital não parece ter sido o fator que permitiu a convergência entre os países, ou ao menos, não o fator principal. Nenhuma das nações asiáticas que reduziram o atraso em relação aos países mais desenvolvidos, quer se trate do Japão, da Coreia e de Taiwan no passado ou da China hoje, se beneficiou de investimentos estrangeiros substanciais. Basicamente, todos esses países financiaram os próprios investimentos em capital físico de que necessitavam e, sobretudo, os investimentos em capital humano - o aumento do nível geral de educação e formação -, cuja importância de crescimento econômico de longo prazo foi respaldada por todas as pesquisas contemporâneas. (PIKETTY, 2014 P. 75)

Quanto mais reservas um país tem, mais ele pode investir em si mesmo sem depender dos outros (priorizando as áreas de interesse para o seu desenvolvimento). Como um país se desenvolve e acumula reservas e diminui a distância social, econômica e tecnológica em relação aos países mais ricos? Investindo em educação para todos, de todas as camadas. Em um texto que articula arte, cultura economia e crítica social, Alves afirma que: “Uma leitura da história cultural do país lembra que, se queremos construir democracia, avaliemos o vivido, o marginal, o sofrido, o transformador da democracia”. (ALVES, p. 108, 2014). Maldonado (2015, p.220) também faz um alerta para as amarras e vendas que os sistemas econômicos e políticos tentam impor às pessoas e à ciência:

Em efeito, o discurso ‘democrático liberal’ se atribui a posse da ‘verdade’ sobre a justiça, a ordem, a economia, a política e a cultura. Suas premissas excluem qualquer tipo de alteridades e constituem concepções políticas e fundamentalistas que justificam a vigilância generalizada dos indivíduos, cidadãos, grupos e sociedades, sob pretexto de garantir a ‘liberdade’ e a ‘segurança’ do mundo.

É importante observar como a comunicação não é um campo isolado dos demais acontecimentos sociais. Pelo contrário, não só está profundamente imbricado no seio dos acontecimentos como atua para engendrar significados. O simbólico é um campo permanentemente em disputa e isso precisa ser levado em consideração nas pesquisas em

comunicação. Superar os modelos tecnicistas, tão sedutores em épocas de midiaticização acelerada, de tecnologias cada vez mais avançadas e “disponíveis”, é uma tarefa de todo pesquisador que busque exercer seu papel social. Além disso, pensando nessa perspectiva, conseguimos observar com mais clareza, ainda que por prismas e lentes diversas, o papel central da comunicação na formação dos conflitos sociais, e mais ainda, na formação do campo simbólico nacional. As mídias atuam consistentemente na formação de uma identidade nacional.

Apesar de tantas possibilidades e aspectos, um tópico é crucial no labor científico: a objetividade. Bachelard aponta que ela deve ser perseguida por meio da constante dúvida sobre nossas primeiras apreensões e da vigilância (por mais que em tempos atuais, ainda mais no cenário brasileiro, o termo ganhe conotações neofascistas), sobre nossas próprias conclusões. Apesar de atualmente controversa, a expressão nos ajuda a lembrar que é preciso estar alerta em relação aos próprios “vícios” acadêmicos, às verdades tidas como absolutas, sejam elas construídas, ou, em alguns casos, adquiridas por “osmose intelectual”, mera reprodução acrítica dos autores, autoras ou conceitos considerados canônicos. É preciso, então, fluir na e com a ciência, em seus diversos aspectos, possibilidades e também, talvez mais do que nunca, em confluência com as demandas sociais.

A objetividade científica só é possível depois de termos rompido com o objeto de imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda objetividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contato com o objeto. [...] Em vez de se deslumbrar o pensamento objetivo deve ironizar sem esta vigilância desconfiada, nunca alcançaremos uma atitude verdadeiramente objetiva. (BACHELARD, 2001, p.129)

Pensar a ciência, fazer uma filosofia das ciências é fundamental, pois o epistemológico atravessa o mundo da vida e da ciência e a reflexão é crucial em todos os momentos. (Japiassu, 1986). A ação epistemológica está centrada no problematizar. Não existe uma epistemologia, assim como não existe um único conhecimento. Entre ciência e saberes não há uma linha fixa, mas sim uma zona de atravessamentos. É preciso um olhar sensível e cuidadoso com todo o processo. É repensar os próprios passos. Segundo Gumbrecht (1998), vem crescendo crítica à ideia totalizante do mundo.

TRANSMETODOLOGIA COMO CAMINHO A TRILHAR NA COMPLEXIDADE

A ciência e a comunicação afetam e são afetadas pela realidade ao mesmo tempo que necessitam de uma ruptura com o senso comum. Importante dizer: o senso comum raso e não reflexivo, ao contrário dos saberes milenares que foram construídos com muita engenharia mental por diversos povos. Não podemos também deixar de refletir a ciência como uma instituição de poder (um discurso legitimado que está dentro da sociedade, faz parte dela), e a comunicação como um campo no qual confluem vários saberes.

As mudanças tecnológicas proporcionaram novas e diversas possibilidades de experimentação. Tanto para a ciência como para diversos campos da vida. Muitos, inclusive, utilizam as tecnologias para propagar o ódio e o caos, gerando um ambiente de descrédito e incertezas. Em um viés positivo, os produtores de bens simbólicos dependem cada vez menos dos grandes aparatos técnicos e mais de suas competências para difundir trabalhos intelectuais. (MALDONADO, 2013, P. 31). A leitura de Rueda (2012), nos permite refletir sobre como as redes digitais estão ligadas aos bens simbólicos e quanto elas geram experimentações com modos de vida e construção de sentidos. São novas formas de manter e estabelecer vínculos sociais, outras formas de vidas possíveis. Uma questão importante que se coloca no campo da comunicação é como construir o comum em um ambiente dinâmico, no qual o efêmero está presente. Como trabalhar o comum na diversidade, na diferença? Nesse sentido é preciso pensar uma cidadania cibercultural, em práticas políticas e sociais renovadas e complexas utilizando as tecnologias. É preciso pensar as cidadanias alternativas e críticas, observando as riquezas das particularidades e das subjetividades dentro dos coletivos. Ao pensar a cidadania comunicacional em um cenário extremamente mediatizado pelo uso das tecnologias vários aspectos poderiam ser trazidos, mas um desafio é central: como compartilhamos o conhecimento. Essas mudanças configuram novas e diversas formas de comunicar, que precisam, mais do que nunca, de múltiplas abordagens em confluência.

Em cenários tão instáveis e fluídos, pensar as metodologias em um projeto de pesquisa é uma necessidade cada vez mais urgente. Como aborda Bonin (p.27, 2013) “A razão polêmica deve, portanto, instaurar-se como companheira no processo de construção metodológica da pesquisa, na luta contra os obstáculos do conhecimento.” É preciso uma reflexão profunda que se inter-relacione com todo o trabalho. Como nos diz Bachelard,

“Não é o objeto que designa a precisão, é o método.” (2001, p.132). O método é a teoria em ato, o artesanato acontecendo, a reflexão dando sentido ao acontecimento. É um comprometimento. A concepção epistêmica/metodológica escolhida, seja ela qual for, deverá perpassar toda a pesquisa.

Mais do que utilizar distintas metodologias que confluem para uma abordagem mais profunda de nossos objetos de pesquisa, a transmetodologia pressupõe a capacidade de observar o objeto por diferentes prismas, levando em consideração os seus diversos aspectos. Mas realizar tal empreitada não significa apenas utilizar diversas metodologias em um trabalho de pesquisa. Requer um *pensamento transmetodológico* que vai perpassar toda a realização do projeto e não somente estará expresso em um capítulo explicativo dos procedimentos utilizados durante a pesquisa. Esse pensamento precisa ser embasado em diferentes áreas do saber, o que demanda do pesquisador e da pesquisadora o esforço de sair de “sua área” do conhecimento para buscar aportes em outros campos, afinal, diversas áreas podem contribuir para a confecção de uma trama mais elaborada de conceitos para entender o objeto em questão.

Essa atitude perante o modo de fazer ciência também está ancorada em experiências diversas (como viagens, apresentações artísticas, congressos, poesias, músicas, saberes populares, e tantas outras possibilidades) que ajudam a compreender o mundo e as pessoas de uma maneira mais integral e humana. É preciso situar os objetos em seus contextos complexos, e ainda assim conseguir diferenciá-los dos demais em sua singularidade. Trata-se de uma reflexão sobre como construir, em qual cenário, quais as perspectivas e quais as possibilidades. Para conseguir construir um discurso com múltiplas perspectivas é preciso compreendê-las, para combiná-las de maneira frutífera e coerente.

O transmetodológico, nessa proposta epistêmica, nutre-se da vida, da experiência, das culturas, do mundo concreto. Situa-se longe das correntes especulativas abstratas e formais, propondo uma multilética que combina práxis teórica e empírica no processo heurístico das descobertas, fabricações e formulações de conhecimento (nona premissa). (MALDONADO, 2013, p. 45)

Esse é um dos aspectos pelos quais a transmetodologia torna-se complexa. Mais do que uma opção metodológica, ou da confluência de várias metodologias, a transmetodologia é uma postura epistêmica, que exige compromisso para conseguir enxergar as multidimensionalidades. Trata-se de uma reflexão densa e profunda, que é

construída, não está dada. Filiar-se a essa perspectiva é também refletir sobre si mesmo, sobre sua responsabilidade social e científica, é atentar para os diferentes contextos da produção acadêmica. Tantas características fazem da Transmetodologia uma opção (construída a partir da trama de diversas opções) extremamente fecunda e complexa.

Reconhecer, ao mesmo tempo, que a pesquisa científica se alimenta, no campo das ciências sociais e humanas, e da comunicação em particular, das sabedorias populares, étnicas, regionais, ancestrais, subterrâneas, distintas e diversas. Essa prática teórica e metódica, interrelacional, concebe o cientista, o pesquisador, como um apreendedor privilegiado que combina uma visão epistêmica abrangente, organizada e profunda com reflexões e experimentação audaciosas, trabalhando lógicas múltiplas de compreensão da realidade midiática e sociocultural: lógicas formais e paraconsistentes (Costa 1999); lógicas intuitivas e instrumentais; lógicas artísticas e lógicas administrativas [...]. (MALDONADO, 2013, p. 41-42)

Trata-se de reconhecer as profundas no fazer ciência, tramada entre teoria e empiria. Como aborda Sarte: “O pensamento concreto tem que nascer das práxis e tem que voltar sobre ela mesma para iluminá-la, já não ao azar e sem regras, se não – como em todas as ciências e todas as técnicas - conforme a alguns princípios.” (SARTRE, 2011 p. 30). Entre a realidade e nós precisamos realizar traduções qualificadas. Essas traduções têm que estar em correspondência com os objetos de referência - daí irá se aproximar com a realidade. Em termos científicos não podemos tratar as descobertas como verdades, mas sim como mundos em construção.

A lógica da ciência é plural, vai para além de teoria e empiria, mas é indispensável pensar essas duas dimensões para iniciar uma reflexão sobre o fazer científico. É impossível dissociar teoria e empiria, ou tratá-las como dimensões estanques e sem relação. Na vivência de nossas pesquisas é que descobrimos e analisamos quais as melhores lentes para observar determinado fenômeno.

As leituras diversas nos abrem horizontes de possibilidades e formam o arcabouço necessário para que possamos compreender, mesmo que de forma inicial os fenômenos. Mas a relação com a empiria é o que vai nos dizer o que de fato nos move, o que move as nossas pesquisas, o que é relevante. Claro que atuar sob essa perspectiva requer esforço, uma vez que além das teorias utilizadas como ponto de partida é preciso ir além, descobrir novas possibilidades, buscar diferentes autores enquanto fazemos pesquisas. O objeto empírico de referência é construído pelo prisma das teorias, não está dado e só tem sentido dentro de uma reflexão. O imediato precisa ser acompanhado pela racionalidade

para adquirir sentido. Por isso, cada etapa da pesquisa deve ser refletida, teorizada, experimentada em sua particularidade e em sua relação com o todo. Philippe Corcuff, no artigo “Que ha pasado com la teoria crítica? Problemas, intereses em juego y pistas aborda a questão dos registros culturais de maneira muito interessante e também apropriada para os estudos em comunicação:

Por conseguinte, no estamos proponiendo tratar estos registros culturales como inmersos em una ggran ‘totalidad cultural’ indistinta em um gesto ‘post-moderno’, o según la lógica del ‘todo es político’ - como se decía em la revolución de sescenta y ocho -, sino de considerar pasajes transfronteizos entre los mismos a partir del reconocimiento de sus especificidades y autonomías respectivas. (CORCUFF, 2014, p. 67)

Teoria e empiria articulam-se em uma relação de constante e complexa simbiose. Quando vamos ao campo é que percebemos que muitos dos problemas que tínhamos como resolvidos ainda não estão. É preciso dar passos para trás, para os lados. É preciso dançar metodologicamente. Teoria e empiria são como bailarinos dançando tango: é preciso que os dois estejam em profunda conexão e em sintonia com a música dentro de toda sua complexidade e vivacidade. Por que falo de tango? Tido como um ritmo indenitário argentino, assim como o samba no Brasil, o estilo musical formou-se inicialmente nos subúrbios, partindo de um conjunto de diversas outras influências, como a polca europeia, a havaneira cubana, o candombe uruguaio e a milonga espanhola. O tango se forja na miscigenação, sendo uma expressão da formação cultural argentina, inicialmente vulgarizado e depois popularizado e também elitizado. Entendo que a pesquisa na perspectiva transmetodológica seja a confluência de diversos saberes, teorias e metodologias e tensões para a produção de uma ciência viva, pulsante e bela, feita com rigor e esmero, como um tango de Carlos Gardel.

A fase chamada por muitos de “Estado da Arte”, é diferente do que é nominado “Pesquisa da Pesquisa”, de acordo com Bonin (2011). Elencar os diferentes trabalhos de uma mesma temática é importante para conhecermos o campo, para fazermos uma espécie de mapa da área. Mas apenas esse movimento não é fecundo suficiente. É preciso realizar uma seleção criteriosa desses trabalhos, lê-los, entendê-los, compreendendo a lógica do autor, para então poder avançar a partir deles. Isso é *pesquisa da pesquisa*, é de fato mergulhar nos trabalhos escolhidos. A pesquisa da pesquisa

Fundamenta o trabalho concreto de construção da relevância científica permitindo situar, problematizar e afirmar a contribuição que vai oferecer ao conjunto de conhecimentos do campo relacionados ao problema/objetos investigados” (BONIN, 2011, p. 36).

Pensando na questão da estética da ciência, Gumbrecht nos lembra que a forma é a unidade da referência entre a referência externa e a interna - a linha que circunscreve o sistema é o único ponto geométrico que representa a unidade entre as duas referências. Nesse sentido, estilo e a disposição da escrita podem ser entendidos também como uma forma de expressão. Já Benjamin, usava a fotografia como afloramento da história como uma forma de escrever. A imagem dialética trazida pelo autor tem um caráter teórico metodológico - tenta produzir uma tenção histórica - tenta fazer aflorar um tempo histórico obscurecido (Silveira, 2010). Em tempos de uma estetização da política (tática usada pelo fascismo), é indispensável também pensarmos a estetização da ciência.

Referências bibliográficas

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, A. E. **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: Processos receptivos, cidadania e dimensão digital**. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y publicaciones, 2014, p.101-121.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: edições 70, 2001.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et. al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares trilhas e processos**. Porto Alegre, Sulina, 2011 p.19-42.

BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: Jiani Adriana Bonin; Nísia Martins do Rosário. (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação**. 1 ed . Florianópolis: Insular, 2013, p.23-42.

BOSI, Eclea. Entre a opinião e o esteriótipo. In: _____. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 113-126.

CORCUFF, Philippe. Que há pasado com la teoría crítica? Problemas, intereses em juego y pistas. *Revista cultural y representaciones sociales*, v.9, n. 18, 2015. México: UNAM, p. 63-79.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. UERJ, 1998.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.137-158.

MALDONADO, A. Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, A. E; BONIN, J.A; ROSÁRIO, N. **Perspectivas metodológicas em comunicação**; Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones e Publicaciones, 2013, p. 31- 57.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Epistemología de la comunicación: análisis de lá vertiente Mattelart em América Latina**. Quito-Ecuador: CIESPAL, 2015. p.195-236.

MILLS, Charles Wright. Do artesanato intelectual. In: _____. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. p. 211-243.

MORIN, Edgar. **O Método, vol. 3**, O conhecimento do conhecimento. Lisboa: Europa-América, 1986, p.120-230.

PEIRCE, C.S., A fixação da crença.

RUEDA, Rocío. Ciberciudadanas, multitud y resistencias. In: LAGO, Silvia (compiladora). **Ciberespacio y resistencias: explotación em la cultura digital**. Buenos Aires. Hekht Libros, 2012, p. 101 - 121.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica de la razón dialectica**. Buenos Aires: Losada 2011. p. 13-79.

SILVEIRA, F. L. Scriptura Pictura. O método das imagens em Walter Benjamin. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo; MARTINO, Luiz Cláudio. (Org.) **Pesquisa Empírica em Comunicação**. 1 ed. São Paulo: Paulus. 2010, v.01, p. 109-131.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 43-111.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**; tradução de Galeano de Freitas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.